

Gênero no IFG

**LEVANTAMENTO DE DADOS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO
TRABALHO DOCENTE NO INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS.**

**Nº 1. DISTRIBUIÇÃO DE DISCIPLINAS POR GÊNERO DOS/AS
PROFESSORES/AS NOS CÂMPUS DO INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS**

MEC

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

IFG

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS

OBSERVATÓRIO DO MUNDO DO TRABALHO

EQUIPE TÉCNICA EXECUTIVA

Andréia Farina de Faria – Técnica em Assuntos Educacionais

Daisy Luzia do Nascimento Silva Caetano – Técnica em Assuntos Educacionais

Maxmillian Lopes da Silva – Assistente em Administração

Marcela Mangucci Calil – Estagiária

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	3
1 AS CONEXÕES ENTRE A DOCÊNCIA E OS ESTUDOS DE GÊNERO.....	4
2 APONTAMENTOS SOBRE A REALIDADE SOCIAL DAS MULHERES.....	6
2.1 A Equidade de Gênero nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.....	9
3 A DISTRIBUIÇÃO DE DISCIPLINAS NO IFG.....	11
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	29

APRESENTAÇÃO

O Observatório do Mundo do Trabalho realiza diversas pesquisas e levantamentos dentro do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) ou a serviço desta instituição. Estudar gênero no IFG, pensando as conexões do tema com a realidade do ensino, pesquisa e extensão acabou surgindo como uma demanda a partir de um estudo anterior realizado pelo Observatório conforme descrito a seguir.

Por ocasião de um concurso público para docentes efetivos do IFG, a equipe de pesquisadores/as do Observatório se debruçou sobre os dados dos/as candidatos/as para analisar o perfil docente que estava ingressando na instituição a partir desse concurso. Esta pesquisa demonstrou uma inversão dos resultados parciais na última etapa do concurso, sendo que as candidatas eram maior quantidade e ocuparam as melhores posições até a última fase, mas os homens terminaram ocupando as melhores colocações no resultado final, mesmo com menor qualificação. Estes dados fomentaram diferentes hipóteses de investigação a partir das quais a equipe do Observatório passou a refletir sobre as questões de gênero no mundo do trabalho, especificamente, sobre a inserção das mulheres no contexto de trabalho do IFG, por exemplo: quais cargos ocupam, quais os papéis ocupam na gestão e as diversas nuances da representação social de gênero que por vezes pode ser replicada nas instituições.

Desse contexto surge a questão de “Gênero no IFG” como uma nova frente de pesquisa do Observatório. Para fomentar o debate, este primeiro número pretendeu fazer um levantamento de dados sobre a organização do trabalho docente no Instituto Federal de Goiás. Para isso, apresenta-se uma introdução à discussão de gênero, fazendo conexões entre este tema e a docência, sem perder de vista a realidade das mulheres na sociedade e no mundo do trabalho.

A partir disto, são apresentados e analisados os dados de pesquisa quantitativa realizada acerca da distribuição das disciplinas por gênero dos/as professores/as nos câmpus do IFG.

Salienta-se que as análises aqui realizadas são um demonstrativo das questões de gênero no que diz respeito à organização do trabalho docente ou à realidade do IFG como ambiente de trabalho para homens e mulheres ocupando distintos cargos e funções, com vínculos efetivos, temporários e terceirizados. Portanto, o debate não se encerra aqui, sendo que esta iniciativa é um primeiro levantamento do estado da arte dessa questão no IFG.

Por fim, este trabalho visa servir de instrumento para toda a comunidade acadêmica a fim de conhecer aspectos mais subjetivos do trabalho em nossa instituição. Os dados e

análises aqui expostos visam, sobretudo, corroborar para a consolidação de uma instituição cada vez mais democrática e sem discriminação. Isto, obviamente, sem abrir mão dos princípios fundantes da oferta de educação pública, gratuita, laica e de qualidade.

1 AS CONEXÕES ENTRE A DOCÊNCIA E OS ESTUDOS DE GÊNERO

Ao realizar um estudo sobre gênero no âmbito do IFG é necessário ressaltar que ao abordar esta categoria abordam-se diferenças sociais, portanto, são interpeladas as condições de homens e mulheres e os desdobramentos dessas condições dentro da instituição. A importância de abordar gênero nos estudos da instituição pode ser endossada por Scott (1995), que apresenta a utilidade da categoria gênero para análises históricas e sociais e por Mathieu (2009), que reforça o fato de que gênero é uma diferenciação social que se manifesta, inclusive, na divisão do trabalho e dos meios de produção.

O trabalho docente no IFG deve estar ancorado no tripé ensino-pesquisa-extensão e assemelha-se ao ambiente acadêmico brasileiro em geral, que pode ainda carregar resquícios da história da ciência humana. Esta ciência foi delineada por homens das classes dominantes e segundo os interesses desses indivíduos, que calçaram suas pesquisas com uma suposta neutralidade que abarcaria os interesses universais (LOWY, 2009).

Assim, é importante pensar sobre os espaços institucionais ocupados por homens e mulheres, sem abandonar os aspectos históricos, pois com um olhar rápido e crítico em demasia, pode-se pensar que as mulheres não lograram tanto êxito ao longo do tempo. Um olhar pernicioso diria que elas obtiveram muito mais do que esperavam e, portanto, estão em situação favorável. Este trabalho objetiva demonstrar a situação intermediária desses olhares, qual seja, os diversos avanços em termos de equidade de gênero conquistados recentemente, mas que, nem de longe, representam conforto à causa feminina.

Em uma análise que se propõe dialética, é possível perceber os avanços obtidos pelas mulheres no mundo do trabalho ao mesmo tempo em que a sociedade, como um todo, segue embebida pelos símbolos da dominação masculina (BORDIEU, 2002). A estreita relação entre ciência e gênero ocorre também pela linha histórica da ciência que apresenta, segundo Lowy (2009, p.43) “uma sucessão de obras de ‘grandes homens’ – e de algumas mulheres escolhidas – que fizeram ‘descobertas’ importantes”. Lowy (2009, p. 43) propõe desvelar o trabalho oculto de todas as pessoas que fizeram e fazem ciência para que se possa entender a ciência real, que favorece o “desenvolvimento de conhecimentos e práticas científicas mais solidamente ancoradas na sociedade e mais engajadas na cidade”.

Com o intuito de relacionar a presença de mulheres nas instituições de pesquisa, Schiebinger (2001) se debruçou sobre as mudanças ocorridas na ciência a partir do feminismo e mostrou que o feminismo desenvolveu teorias científicas e incentivou novas searas de pesquisa em diversas áreas do conhecimento. O feminismo mudou a ciência por sua prática política e por incentivar mudanças culturais e esta realidade apontada por Schiebinger (2001) também é verdadeira no Brasil, já que para a dedicação de uma mulher à ciência é necessário romper com o modelo de homem cientista que possui uma mulher no espaço privado à disposição para cuidar da reprodução da vida cotidiana e doméstica da família.

A presença de professoras no IFG configura a presença de mulheres no ambiente acadêmico que se dedicam ao ensino, à pesquisa e à extensão. Há, portanto, na instituição professoras-pesquisadoras que para o cumprimento de seu trabalho devem também produzir ciência.

Contextualizando essa imbricação do tripé da instituição é necessário entender que nem todos os espaços de educação possuem esta característica. Na maior parte das escolas brasileiras de ensino básico, administradas pelos municípios e estados federativos, não são criadas condições para que o corpo docente possa também dedicar-se à pesquisa. Nestes casos, nem em documentos existe o/a professor/a-pesquisador/a.

Aqui aparece um importante dado: a docência no Brasil é marcadamente feminina. Existe uma realidade que coloca as mulheres entre o lar e a escola, como detalhado por Santos (2009). O trabalho docente é considerado um trabalho feminino quando são analisados os dados do Brasil em todos os níveis de ensino. O Censo (IBGE, 2010) mostrou que 75,8% das pessoas que estão na regência são mulheres. Isto porque o século XX foi decisivo para que as mulheres adentrassem as salas de aula na condição de professoras (CHAMON, 2005) ao mesmo tempo em que vertiginosamente a docência passou por um processo de desvalorização.

Em estudo anterior foi possível confirmar que a docência no Brasil é precarizada e feminizada, nesta ordem (CAETANO, 2014). Além disso, quanto mais inicial o nível de ensino, mais feminizado esse é. Isto demonstra que quanto mais próximo da possibilidade e do dever de fazer ciência, menor o número de mulheres que ocupam cargos de professoras-pesquisadoras. E a realidade no IFG não é diferente, pois quanto mais especializado e científico o nível de ensino, maior a quantidade de homens na docência.

2 APONTAMENTOS SOBRE A REALIDADE SOCIAL DAS MULHERES

As instituições de ensino estão inseridas na sociedade tal qual ela é: capitalista, patriarcal e preconceituosa. E, ao contrário daquilo que muitas pessoas imaginam ou sonham, elas não conseguem se desvencilhar facilmente destas características. No entanto, como espaços de ensino estão aptas ao aprendizado, à transformação social e ao questionamento das desigualdades sociais.

Visando abordar a realidade do IFG quanto às questões de gênero, é interessante fazer apontamentos acerca da realidade social da mulher brasileira no mundo do trabalho. As últimas décadas têm demonstrado avanço dos números relacionados à condição da mulher na sociedade e à ampliação de direitos sociais. Destaca-se o aumento da escolaridade e consequentemente o crescimento das mulheres na População Economicamente Ativas (PEA). Nesse sentido, é importante compreender as nuances da participação feminina no mundo do trabalho tendo em vista as violações praticadas em detrimento da equidade de gênero.

As últimas décadas têm sido de números cada vez mais positivos a favor das mulheres e à efetividade de direitos sociais. Em capítulo suplementar na ocasião da publicação de “As Novas Fronteiras da Desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho” – originalmente direcionado à Europa –, Bruschini & Lombardi (2003) direcionam um olhar sobre a situação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro na década de 1990. Apresenta-se a seguir uma síntese do exposto.

Nota-se aumento na População Economicamente Ativa (PEA) e com destaque a situação feminina, em que entre 100 mulheres, 47 estavam trabalhando ou procurando emprego no ano de 1998; situação de avanço comparado com o ano de 1990, quando esse número era de 39,2 mulheres. De outro lado, a questão étnica ainda é forte quando se analisa tais dados. Entre mulheres ocupadas (portanto, assalariadas) as mulheres brancas são 63%, enquanto as mulheres negras chegam a pouco mais de 36%. Essa diferença entre empregados brancos e negros, do gênero masculino, representa apenas 10%, portanto bem inferior à diferença entre empregadas brancas e negras, permitindo inferir uma maior discriminação sobre as trabalhadoras negras do que sobre trabalhadores negros. (BRUSCHINI & LOMBARDI, 2003)

Fazendo um avanço temporal, utilizando os dados do Censo 2010 do IBGE, tem-se também que na escala salarial brasileira os homens brancos estão no topo, seguidos pelas mulheres brancas, homens negros e mulheres negras, o que mais uma vez comprova a desigualdade de gênero e raça no país.

Os diversos avanços sociais e culturais ocorridos proporcionaram o aumento de escolaridade, que por sua vez incrementa a presença feminina na PEA e também proporciona oportunidades diversas. Isso redundou em várias outras mudanças sociais, demográficas, culturais. A esse respeito, pelos dados do Censo do IBGE, pontua-se a quantidade filhos por família: em 1970 eram 5,8, já em 2000 caiu para 2,3 filhos, chegando a 1,9 filhos por mulher em 2010. Há também uma diminuição do número de membros das famílias e também aumento de mulheres como chefes de famílias.

Bruschini & Lombardi perceberam uma tendência em relação à desigualdade de remuneração para a década de 1990: as mulheres continuam recebendo menores salários, porém a diferença entre os ganhos femininos e masculinos caiu (p. 354). Atualizando esse dado, em 2010 as mulheres brasileiras recebiam 67,7% dos rendimentos masculinos, segundo o Censo do IBGE.

O relatório “O Progresso das Mulheres no Mundo 2015-2016: transformar economias para realizar direitos” (tradução livre) da ONU Mulheres, apresenta as lacunas entre as leis e as políticas que garantem a igualdade de direitos para as mulheres, conforme a secretária geral adjunta e diretora executiva da ONU Mulheres, Phumzile Mlambo-Ngcuka.

Na Ficha Informativa para a América Latina e Caribe a ONU Mulheres também destaca diversos avanços e possibilidades para a região, no que tange à igualdade de gênero. A questão do aumento da participação feminina no trabalho também é destacada, em que pese à criação de mais 17 milhões de empregos no Brasil, entre 2001 e 2009, dos quais mais de 10 milhões eram empregos formais, o que não diminuiu o fosso entre a maior formalização de homens do que de mulheres. A taxa de participação feminina na PEA chegou a 58% em 2009 (vimos que em 1998 essa taxa estava em 47%), o que anima a perseguição pela equidade de gênero.

De outro lado

Las mujeres son especialmente vulnerables a la inseguridad económica y la dependencia financiera. En toda la región [da América Latina], las mujeres tienen menos probabilidad que los hombres de acceder a ingresos personales. En 2013, el 13% de los hombres no tenía acceso a ingresos personales, en comparación con el 29% de las mujeres. (ONU MULHERES, 2015, p. 2)

Daí que persiste a urgência em continuar combatendo a vulnerabilidade à pobreza pela qual passam as mulheres, seja com a oferta de educação continuada, profissional, seja

assegurando os programas sociais e as conquistas de direitos, isso é visto que “*En el Brasil y México, los servicios de educación y salud contribuyen dos veces más que los impuestos y las transferencias sociales combinados a la reducción de la desigualdad de los ingresos.*” (ONU MULHERES, 2015, p. 3)

Alves (2016) resume da seguinte forma

Houve melhoria das condições de vida das mulheres, mas isso ocorreu de forma diferenciada nas distintas áreas de atividade humana e não foi uniforme em termos nacionais e regionais. Porém, a boa notícia é que, no geral, as desigualdades de gênero se reduziram desde o fim da Segunda Guerra Mundial e, em especial, depois da 4ª Conferência Mundial de Mulheres. Isso fica claro no documento: *El Progreso de las Mujeres en el Mundo 2015-2016: Transformar las Economías para Realizar los Derechos* (ONU MUJERES, 2015). O relatório mostra que desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, passando pelas quatro Conferências da ONU sobre a situação das Mulheres, os diversos governos do mundo assumiram compromissos juridicamente vinculantes no sentido de respeitar, proteger e garantir os direitos humanos das mulheres, reconhecendo o vínculo entre o empoderamento feminino e a prosperidade econômica. (ALVES, 2016, p. 630)

De outro lado, é importante considerar Guimarães (2016), que diz

Em suma, em que pese o crescimento dos empregos, da inclusão e dos direitos, e mesmo ao arripio da recente regulamentação do trabalho em domicílio, persiste, entre nós, um padrão de estruturação das desigualdades de renda do trabalho que tem se mantido, apesar de todos os avanços sociais, inegavelmente assentado no despartido de mulheres e negros, e especialmente no despartido das mulheres negras (Nadya GUIMARÃES; Murillo BRITO, 2014). Ademais, as mulheres seguem insuladas em ocupações, formais ou informais, regidas pelo tempo parcial, o que nos leva de volta ao tema da *care penalty*, agora expressa na necessidade de conciliar trabalho remunerado e obrigações domésticas. Dizendo-o de outro modo, se o caso brasileiro serve para ilustrar como a formalização atenua diferenciais salariais entre grupos de sexo, resultados recentes (LAVINAS *et al*, 2016, no prelo) mostram que, mesmo no mercado dos empregos formalmente protegidos, os hiatos salariais agravaram-se em alguns segmentos, em especial entre os grupos mais escolarizados. (GUIMARÃES, 2016, p. 641-642)

Pelo exposto, compreendemos que houve avanços e conquistas no que se refere aos direitos das mulheres, mas que apenas os números vistos isoladamente não retratam a equidade que corresponda aos demais avanços socioeconômicos e culturais da humanidade. Dessa sorte, não é viável abrandar a argumentação e as ações pela igualdade de gênero para

comemorar conquistas que diminuem as desigualdades, mas que ainda não alicerçaram um lugar igualitário para a mulher na sociedade.

Refletir sobre a presença da mulher no mundo do trabalho se relaciona diretamente com a análise do lugar da mulher na sociedade. Se a sociedade é capitalista, patriarcal e racista, o mundo do trabalho vai evidenciar estas características.

O capitalismo como sistema, se reestrutura em suas crises, mas os momentos de crise do capital agudizam desigualdades e retiram as mulheres do caminho de diminuição de desigualdades. Uma análise totalizante da realidade social das mulheres no mundo do trabalho, portanto, há de considerar que as imbricações de gênero, classe e raça são consubstanciais (HIRATA, 2014) e que a estrutura patriarcal segue presente na vida das trabalhadoras nos espaços públicos e privados (NOGUEIRA, 2010).

2.1 A Equidade de Gênero nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Visando um futuro no qual a equidade de gênero seja uma realidade, líderes de 191 países assinaram em setembro dos anos 2000, o que ficou conhecido como Objetivos do Milênio (ODM). Esses objetivos visavam reduzir a pobreza extrema e foram divididos em oito eixos, a saber: 1) Reduzir a pobreza; 2) Atingir o ensino básico universal; 3) Igualdade entre os sexos e autonomia das mulheres; 4) Reduzir a mortalidade na infância; 5) Melhorar a saúde materna; 6) Combater o HIV/Aids, a malária e outras doenças; 7) Garantir a sustentabilidade ambiental; e 8) Estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento.

A meta ousada visava atingir tais objetivos até o ano de 2015. Apesar de notáveis avanços¹, no Brasil e no mundo, tais objetivos não foram suficientes. Nessa esteira, em setembro de 2015, foram estabelecidos os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), construídos a partir dos ODMs, com vistas a ampliá-los e complementar os esforços já em curso. A agenda envolvendo os ODS refere-se a 2015 a 2030, portanto é a agenda vigente.

Dentre os 17 ODS destaca-se para este estudo o quinto objetivo que pretende “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”, cujas submetas² são apresentadas da seguinte forma:

¹ Conf. <<http://www.relatoriosdinamicos.com.br/portaldm/>> para acesso aos relatórios, por Estado.

² Conf. <<http://www.pnud.org.br/ODS.aspx>>

5.1 Acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda partes; 5.2 Eliminar todas as formas de violência contra todas as mulheres e meninas nas esferas públicas e privadas, incluindo o tráfico e exploração sexual e de outros tipos; 5.3 Eliminar todas as práticas nocivas, como os casamentos prematuros, forçados e de crianças e mutilações genitais femininas; 5.4 Reconhecer e valorizar o trabalho de assistência e doméstico não remunerado, por meio da disponibilização de serviços públicos, infraestrutura e políticas de proteção social, bem como a promoção da responsabilidade compartilhada dentro do lar e da família, conforme os contextos nacionais; 5.5 Garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública; 5.6 Assegurar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva e os direitos reprodutivos, como acordado em conformidade com o Programa de Ação da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento e com a Plataforma de Ação de Pequim e os documentos resultantes de suas conferências de revisão; 5.a Realizar reformas para dar às mulheres direitos iguais aos recursos econômicos, bem como o acesso a propriedade e controle sobre a terra e outras formas de propriedade, serviços financeiros, herança e os recursos naturais, de acordo com as leis nacionais; 5.b Aumentar o uso de tecnologias de base, em particular as tecnologias de informação e comunicação, para promover o empoderamento das mulheres; 5.c Adotar e fortalecer políticas sólidas e legislação aplicável para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas em todos os níveis.

Assim, estas submetas são colocadas frente aos problemas de desigualdade de gênero. Alinhada com esses objetivos e metas e acreditando na necessidade de que estes objetivos sejam alcançados, a Coordenação do Observatório do Mundo do Trabalho apresenta um levantamento de dados sobre a distribuição de disciplinas do ensino técnico e superior no âmbito do IFG, por gênero, Câmpus e modalidade, trazendo a realidade do IFG para o debate que envolve o empenho pela equidade de gênero.

É relevante, portanto, ressaltar quais são os sujeitos apresentados nessa pesquisa: docentes, qualificadas/os, de alta escolarização que atuam na educação, vinculadas/os à carreira de Educação Básica, Técnica e Tecnológica (EBTT) com condições de trabalho menos precarizadas do que aquelas colocadas para as redes estadual e municipal de ensino, por exemplo. A partir da contextualização da docência e da realidade social das mulheres, indaga-se para a análise dos dados do IFG, se existe desigualdade entre professores e professoras no âmbito dessa instituição.

3 A DISTRIBUIÇÃO DE DISCIPLINAS NO IFG

Este estudo contemplou dados referentes ao ano letivo de 2016 e apresenta uma abordagem quantitativa. Para isso foram confeccionadas diversas tabelas a fim de organizar os dados e permitir uma leitura factível da realidade da distribuição de disciplinas por gênero no IFG. São tabelas referentes ao número de docentes por gênero no IFG e a distribuição de disciplinas em cursos técnicos de nível médio e cursos superiores, bem como tabelas que destringem estes dados e cursos por câmpus.

A Tabela 1 apresenta o quadro geral da distribuição das disciplinas no IFG. Proporcionalmente a distribuição de disciplinas entre homens e mulheres está equilibrada. Considerando a presença de 653 professores (60%) e 428 professoras (40%) na regência, a média de disciplinas por professoras foi de 4,31 e entre professores ficou em 4,45. Ou seja, neste primeiro momento de análise ocorre uma distribuição equilibrada no número de disciplinas entre o grupo de docentes. No entanto, já é possível perceber a menor participação das mulheres nos cursos superiores (36%).

Tabela 1 – Número de docentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, divididos por gênero e disciplinas lecionadas nos cursos técnicos e/ou superiores, por ciclo – 2016/1.

Homens 653		Mulheres 428	
Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores	Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores
1.888	1.019	1.290	558

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir dos dados do Visão IFG <<https://visao.ifg.edu.br/entrada/>> Acessado em junho/julho de 2016.

Notas: Total de disciplinas: 4.755

Total de professores (as) no Câmpus: 1.081;

105 disciplinas não estão com os professores (as) responsáveis;

35 matérias lecionadas não tem a especificação se é técnico ou superior;

117 cursos são fornecidos pelo IFG, dentre cursos de ensino médio (técnicos), de graduação (bacharelados, licenciaturas e tecnólogos) e pós-graduações (*lato sensu* e *stricto sensu*).

Dando prosseguimento a análise sobre os dados institucionais, a Tabela 2 apresenta a média da carga horária para os docentes nos câmpus por gênero. De certa forma, há um equilíbrio na distribuição de carga horária no IFG entre homens e mulheres, com a média de carga horária das professoras um pouco mais elevada. Há dois câmpus, com grande disparidade na distribuição de carga horária entre homens e mulheres. No Câmpus Águas

Lindas os homens estão com carga horária superior, com média de 11,44 horas por professor em contraponto às 6,87 horas médias das professoras. No Câmpus Senador Canedo, as professoras estão com média de 12,67 horas enquanto os professores marcam 8,76 horas de aulas.

Tabela 2 – Carga horária média por gênero feminino e masculino em cada Câmpus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, por ciclo – 2016/1.

Câmpus	Carga horária média de docentes do gênero feminino			Carga horária média de docentes do gênero masculino		
	Carga Horária (1)	Quant. de mulheres (2)	Média (½)	Carga Horária (1)	Quant. de homens (2)	Média (½)
Águas Lindas	110	16	6,87	206	18	11,44
Anápolis	434	38	11,42	436	34	12,82
Aparecida de Goiânia	322	37	8,7	424	40	10,6
Cidade de Goiás	254	23	11,04	240	21	11,42
Formosa	274	25	10,96	522	43	12,13
Goiânia Oeste	260	28	9,28	120	12	10
Inhumas	326	28	11,64	426	34	12,53
Itumbiara	348	27	12,88	512	37	13,84
Jataí	436	34	12,82	640	50	12,80
Luziânia	232	21	11,05	494	40	12,35
Senador Canedo	76	6	12,67	184	21	8,76
Uruaçu	350	27	12,96	540	41	13,17
Valparaíso de Goiás	94	9	10,44	200	21	9,52
Goiânia	1222	109	11,21	2770	241	11,49
Total	4738	428	11,07	7714	653	11,81
Variância			2,84			2,01

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir dos dados do Visão IFG <<https://visao.ifg.edu.br/entrada/>> Acessado em junho/julho de 2016.

Aprofundando a análise dos dados do Câmpus Águas Lindas a partir da distribuição de disciplinas, temos que há um número equânime de docentes, com 18 professores e 16 professoras, conforme a Tabela 3. Não há cursos superiores em oferta na unidade, conforme Tabela 3 e Tabela 4. Os cursos técnicos ofertados, nas modalidades técnico integrado em tempo integral e educação de jovens e adultos, compreendem cursos das áreas de saúde e um curso de meio ambiente. Sobretudo, os cursos técnicos da área de saúde tendem a ter um

maior número de mulheres, pela caracterização social destas profissões. Portanto, o Câmpus Águas Lindas, apresenta dados diferentes do esperado, conforme as Tabelas 3 e 4.

Tabela 3 – Número de docentes do Câmpus Águas Lindas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, divididos por gênero e disciplinas lecionadas nos cursos técnicos e/ou superiores, por ciclo – 2016/1.

Homens		Mulheres	
18		16	
Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores	Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores
87		86	
Total de disciplinas: 173			
5 disciplinas não estão com os professores responsáveis			
Total de professores (as) no câmpus: 34			

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

Tabela 4 – Cursos oferecidos no Câmpus Águas Lindas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e suas respectivas modalidades, no ciclo – 2016/1.

Curso	Modalidade
Vigilância em Saúde	Técnico Integrado
Enfermagem	EJA
Análises Clínicas	Técnico Integrado
Meio Ambiente	Técnico Integrado

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

A Tabela 5, referente ao Câmpus Anápolis, mostra certo equilíbrio entre o número de professores, 34, e professoras, 38. A Tabela 6 apresenta a existência de cursos superiores nas modalidades tecnologia, bacharelado e licenciatura em três eixos tecnológicos diferentes. A análise deste Câmpus demonstra que há disparidade na distribuição entre disciplinas nos cursos técnicos e nos cursos superiores, a exemplo da realidade do IFG, demonstrada na Tabela 1. As 38 professoras ministram 158 disciplinas nos cursos técnicos e apenas 35 disciplinas nos cursos superiores. Ao mesmo tempo em que os 34 professores são responsáveis por 109 disciplinas nos cursos técnicos e pela grande maioria das disciplinas no ensino superior, 64 disciplinas.

Tabela 5 – Número de docentes do Câmpus Anápolis do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, divididos por gênero e disciplinas lecionadas nos cursos técnicos e/ou superiores, por ciclo – 2016/1.

Homens		Mulheres	
34		38	
Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores	Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores
109	64	158	35
Total de disciplinas: 366			
21 disciplinas não estão com os professores (as) responsáveis			
Total de professores (as) no Câmpus: 72			

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

Tabela 6 – Cursos oferecidos no Câmpus Anápolis do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e suas respectivas modalidades, no ciclo – 2016/1.

Curso	Modalidade
Edificações	Técnico Integrado
Transporte de Cargas	EJA
Engenharia Civil da Mobilidade	Bacharelado
Tecnólogo em Logística	Superior em Tecnologia
Comércio Exterior	Técnico Integrado
Química	Técnico Integrado
Química	Licenciatura
Secretaria Escolar	EJA
Ciências Sociais	Licenciatura
Ciência da Computação	Bacharelado

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

Seguindo a análise dos dados por câmpus, as Tabelas 7 e 8 se ocupam do Câmpus Aparecida de Goiânia, em que também há número equilibrado na distribuição entre professores, 40, e professoras, 37. Com dois cursos de licenciatura e um de bacharelado na oferta de graduação, há também equilíbrio na distribuição das disciplinas de cursos superiores, sendo que 46 disciplinas são ministradas por professores e 45 por professoras. Há disparidade, no entanto, na distribuição de disciplinas do ensino técnico, em que os professores se ocupam de 124 delas e as professoras de 88, o que também pode justificar a carga horária mais alta para os homens neste câmpus, conforme a Tabela 2. A Tabela 8 também nos ajuda a entender este dado quando analisamos a oferta de cursos técnicos em

áreas em que a presença de homens ainda é majoritária na sociedade: Química, Agroindústria, Panificação e Edificações. O curso técnico de Modelagem e Vestuário é o único que se diferencia, por pertencer a uma área de trabalho onde predominam mulheres.

Tabela 7 – Número de docentes do Câmpus Aparecida de Goiânia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, divididos por gênero e disciplinas lecionadas nos cursos técnicos e/ou superiores, por ciclo – 2016/1.

Homens		Mulheres	
40		37	
Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores	Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores
124	46	88	45
Total de disciplinas: 303			
11 disciplinas não estão com os professores (as) responsáveis			
Total de professores (as) no Câmpus: 77			

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

Os dados da Tabela 8 também explicam a Tabela 7 para a graduação. No mesmo sentido, pensando a análise da oferta de graduação com Bacharelado em Engenharia Civil, área em que predominam homens no mundo do trabalho e Licenciatura em Pedagogia Bilíngue e Dança, áreas em que predominam mulheres.

Tabela 8 – Cursos oferecidos no Câmpus Aparecida de Goiânia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e suas respectivas modalidades, no ciclo – 2016/1.

Curso	Modalidade
Química	Técnico Integrado
Agroindústria	Técnico Integrado
Panificação	EJA
Edificações	Técnico Integrado
Engenharia Civil	Bacharelado
Modelagem de Vestuário	EJA
Pedagogia Bilíngue	Licenciatura
Dança	Licenciatura

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

Portanto, a distribuição de disciplinas no Câmpus Aparecida de Goiânia apresenta disparidade quanto aos cursos técnicos com maior participação de professores na regência,

sendo que este dado tende a se explicar quando ocorre a análise dos cursos ofertados. Uma futura análise dos cursos técnicos, entre disciplinas do núcleo comum e disciplinas das áreas técnicas configura uma hipótese de pesquisa que pode colaborar a melhor compreensão do que ocorre nesta unidade.

Seguindo a análise dos dados, o Câmpus Cidade de Goiás apresenta dados na contramão do cenário predominante, além do número equilibrado entre professores e professoras, respectivamente 21 e 23. Conforme a Tabela 9, este equilíbrio perdura na distribuição de disciplinas, neste caso, tanto dos cursos técnicos quanto dos cursos superiores. Ao ver esta distribuição equilibrada, a Tabela 10 destrincha os cursos técnicos e superiores ofertados e é possível perceber que estes são cursos em que os profissionais no mundo do trabalho não carregam tantos estereótipos de gênero, ou seja, são ocupações onde homens e mulheres estão inseridos.

Tabela 9 – Número de docentes do Câmpus Cidade de Goiás do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, divididos em gênero e em disciplinas lecionadas nos cursos técnicos e/ou superiores, por ciclo – 2016/1.

Homens		Mulheres	
21		23	
Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores	Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores
106	14	101	13
Total de disciplinas: 234			
7 disciplinas não estão com os professores (as) responsáveis			
Total de professores (as) no Câmpus: 44			

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

Tabela 10 – Cursos oferecidos no Câmpus Cidade de Goiás do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e suas respectivas modalidades, no ciclo – 2016/1.

Curso	Modalidade
Cinema e Áudio Visual	Bacharelado
Produção de Áudio e Vídeo	Técnico Integrado
Artes Visuais	Licenciatura
Agroecologia	Técnico Integrado
Edificações	Técnico Integrado
Artesanato	EJA

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

A realidade do Câmpus Formosa se diferencia dos câmpus já analisados, ao mesmo tempo em que se aproxima da realidade geral do IFG, apontada na Tabela 1, em que a quantidade de professores é maior que a de professoras. Sendo assim, a realidade do Câmpus Formosa é de 63% de docentes do gênero masculino (Tabela 11). Na distribuição de disciplinas dos cursos técnicos, os professores também respondem por 63% das disciplinas, mas no ensino superior contam com 70% das disciplinas. Esta contraposição pode ser capaz de explicar, por exemplo, a pequena superioridade da carga horária dos professores nesta unidade, como apontado na Tabela 2. Possuindo quatro cursos superiores e quatro cursos técnicos em diferentes eixos tecnológicos (Tabela 12), o Câmpus Formosa não apresenta grandes distorções na distribuição de disciplinas.

Tabela 11 – Número de docentes do Câmpus Formosa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, divididos por gênero e disciplinas lecionadas nos cursos técnicos e/ou superiores, por ciclo – 2016/1.

Homens		Mulheres	
43		25	
Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores	Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores
133	70	78	29
Total de disciplinas: 310			
6 disciplinas não estão com os professores (as) responsáveis			
Total de professores (as) no Câmpus: 68			
5 disciplinas não se tem informações se é técnico ou superior			

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

Tabela 12 – Cursos oferecidos no Câmpus Formosa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e suas respectivas modalidades, no ciclo – 2016/1.

Curso	Modalidade
Análise e Desenvolvimento de Sistemas	Superior em Tecnologia
Manutenção e Suporte em Informática	EJA
Edificações	EJA
Engenharia Civil	Bacharelado
Saneamento	Técnico Integrado
Biotecnologia	Técnico Integrado
Ciências Biológicas	Licenciatura
Ciências Sociais	Licenciatura

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

As Tabelas 13 e 14 exibem a realidade do Câmpus Goiânia Oeste, em que 70% do corpo docente é composto por mulheres, destoando da realidade geral do IFG (Tabela 1). Na distribuição das disciplinas, não há grandes distorções mas as professoras respondem pela maioria das disciplinas do curso de graduação em Pedagogia (82%). Com isso, respondem a somente 57% das disciplinas nos cursos técnicos, o que pode ser explicado pelo fato de que, conforme a Tabela 14 são ofertados quatro cursos técnicos e um superior. No geral da oferta, as mulheres ministram 60% das disciplinas, enquanto eles ficam com 40%. É um câmpus em que, ao contrário do Câmpus Formosa, a docência é majoritariamente feminina.

Tabela 13 – Número de docentes do Câmpus Goiânia Oeste do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, divididos por gênero e disciplinas lecionadas nos cursos técnicos e/ou superiores, por ciclo – 2016/1.

Homens		Mulheres	
12		28	
Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores	Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores
42	9	56	25
Total de disciplinas: 132			
3 disciplinas não estão com os professores (as) responsáveis			
Total de professores (as) no Câmpus: 40			

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

Tabela 14 – Cursos oferecidos no Câmpus Goiânia Oeste do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e suas respectivas modalidades, no ciclo – 2016/1.

Curso	Modalidade
Pedagogia	Licenciatura
Enfermagem	EJA
Nutrição e Dietética	Técnico Integrado
Análises Clínicas	Técnico Integrado
Vigilância e Saúde	Técnico Integrado

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

Torna-se interessante analisar comparativamente a Tabela 12 e a Tabela 14 para buscar o entendimento desta realidade da configuração docente. É possível observar que o Câmpus Goiânia Oeste oferta cinco cursos em que o mundo do trabalho absorve majoritariamente mulheres, sendo importante ressaltar ainda que são profissões que

correspondem ao estereótipo feminino aplicado pela sociedade patriarcal por estarem intimamente relacionadas ao cuidado.

No outro lado, o Câmpus Formosa possui seis cursos em que os homens são maioria no mundo do trabalho e que as profissões respondem ao estereótipo masculino para lidar com a tecnologia, a força física e a liderança, são esses: Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Manutenção e Suporte em Informática, Edificações, Engenharia Civil, Saneamento e Biotecnologia. Além disso, a presença de mulheres nestas profissões e, portanto, cursos, ainda é tímida e desafia padrões da sociedade historicamente machista.

O Câmpus Inhumas, por sua vez, apresenta maior quantidade de professores do que de professoras, sendo que eles correspondem a 54% do corpo docente, conforme a Tabela 15. A distribuição de disciplinas, comparativamente ao número de mulheres, demonstra razoável participação das professoras nos cursos superiores. A Tabela 16 apresenta os cursos ofertados, e, embora, haja cursos marcados socialmente pela presença de homens, a exemplo de Informática, Sistemas de Informação, Panificação, o Câmpus apresenta uma distribuição equilibrada das atividades entre o corpo docente na proporção em que está colocado.

Tabela 15 – Número de docentes do Câmpus Inhumas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, divididos em gênero e em disciplinas lecionadas nos cursos técnicos e/ou superiores, por ciclo – 2016/1.

Homens		Mulheres	
34		28	
Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores	Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores
115	49	81	48
Total de disciplinas: 293			
12 disciplinas não estão com os professores (as) responsáveis			
Total de professores (as) no Câmpus: 62			

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

Tabela 16 – Cursos oferecidos no Câmpus Inhumas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e suas respectivas modalidades, no ciclo – 2016/1.

Curso	Modalidade
Informática	Técnico Integrado
Sistemas da Informação	Bacharelado
Química	Técnico Integrado
Química	Licenciatura
Agroindústria	Técnico Integrado
Panificação	EJA
Ciência e Tecnologia de Alimentos	Bacharelado

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

O Câmpus Itumbiara, assim como o Câmpus Inhumas, possui mais professores (57%), conforme a Tabela 17. A distribuição de disciplinas nos cursos técnicos e superiores entre professores e professoras não faz grande variação deste percentual. Retomando a Tabela 2, também há proporcionalidade na distribuição da carga horária. Em um estudo mais aprofundado, poderia ser analisada a presença docente por curso, levando em conta a Tabela 18, por exemplo, para saber sobre o arranjo por curso, considerando que a maior parte dos cursos da Tabela 18 são considerados socialmente como cursos masculinos no âmbito do mundo do trabalho.

Tabela 17 – Número de docentes do Câmpus Itumbiara do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, divididos por gênero e disciplinas lecionadas nos cursos técnicos e/ou superiores, por ciclo – 2016/1.

Homens		Mulheres	
37		27	
Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores	Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores
94	74	85	42
Total de disciplinas: 295			
Total de professores (as) no Câmpus: 64			

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

Tabela 18 – Cursos oferecidos no Câmpus Itumbiara do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e suas respectivas modalidades, no ciclo – 2016/1.

Curso	Modalidade
Eletrotécnica	Técnico Integrado
Engenharia Elétrica	Bacharelado
Engenharia de Controle e Automação	Bacharelado
Química	Licenciatura
Química	Técnico Integrado
Agroindústria	EJA
Eletrotécnica	Técnico Subsequente

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

A Tabela 19 mostra os dados referentes ao Câmpus Jataí, que possui 84 docentes, dentre os quais, 50 são homens (59%). A distribuição das disciplinas nos cursos técnicos segue percentual semelhante à presença de professores e professoras. A distribuição de disciplinas nos cursos superiores é bipartida, sem que isso provoque problemas na distribuição de carga horária.

A Tabela 20 mostra os cursos do Câmpus Jataí, que é o segundo maior e mais antigo câmpus do IFG. É possível perceber que há uma quantidade de cursos superior à dos outros câmpus comentados anteriormente. Os cursos deste câmpus são muito voltados para a atuação masculina no mundo do trabalho e as exceções mais evidentes se aplicam à modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e às pós-graduações.

Tabela 19 – Número de docentes do Câmpus Jataí do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, divididos por gênero e disciplinas lecionadas nos cursos técnicos e/ou superiores, por ciclo – 2016/1.

Homens		Mulheres	
50		34	
Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores	Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores
118	84	114	51
Total de disciplinas: 367			
Total de professores (as) no Câmpus: 84			

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

Tabela 20 – Cursos oferecidos no Câmpus Jataí do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e suas respectivas modalidades, no ciclo – 2016/1.

Curso	Modalidade
Edificações	Técnico Integrado
Agrimensura	Técnico Subsequente
Engenharia Civil	Bacharelado
Informática	Técnico Integrado
Análise e Desenvolvimento de Sistemas	Superior em Tecnologia
Engenharia Elétrica	Bacharelado
Eletrotécnica	Técnico Integrado
Física	Licenciatura
Secretariado	EJA
Ensino de Ciências e Matemática	Especialização
Educação em Ciências e Matemática	Mestrado

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

O Câmpus Luziânia, por sua vez, possui 65% do corpo docente masculino, com 40 professores e 21 professoras (Tabela 21). Com exceção dos cursos de Química (técnico e superior), os demais cursos, conforme a Tabela 22, referem-se a demandas ocupacionais que são ocupadas por homens.

Pensando a distribuição de disciplinas, as de cursos técnicos estão divididas conforme o percentual docente, enquanto que as de cursos superiores tem preponderância de homens, o que possivelmente possa justificar o fato de que os professores possuem carga horária levemente superior que das professoras neste câmpus.

Tabela 21 – Número de docentes do Câmpus Luziânia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, divididos em gênero e em disciplinas lecionadas nos cursos técnicos e/ou superiores, por ciclo – 2016/1.

Homens		Mulheres	
40		21	
Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores	Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores
145	53	71	19
Total de disciplinas: 288			
Total de professores (as) no Câmpus: 61			

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

Tabela 22 – Cursos oferecidos no Câmpus Luziânia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e suas respectivas modalidades, no ciclo – 2016/1.

Curso	Modalidade
Sistemas de Informação	Bacharelado
Informática para Internet	Técnico Integrado
Química	Técnico Integrado
Química	Licenciatura
Manutenção e Suporte em Informática	EJA
Edificações	Técnico Integrado

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

O Câmpus Senador Canedo é o câmpus com menor número de cursos regulares presenciais do IFG, segundo a Tabela 24. O corpo docente é majoritariamente masculino (77%), conforme a Tabela 23. Este câmpus ainda não oferta curso superior.

Tabela 23 – Número de docentes do Câmpus Senador Canedo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, divididos em gênero e em disciplinas lecionadas nos cursos técnicos e/ou superiores, por ciclo – 2016/1.

Homens		Mulheres	
21		6	
Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores	Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores
79		31	
Total de disciplinas: 110			
Total de professores (as) no Câmpus: 27			

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

A distribuição de disciplinas nos cursos técnicos é de 68% para os professores, o que destoa da distribuição docente e também justifica a carga horária mais elevada para as professoras, que possuem 12,67 horas de aulas enquanto os professores ficam com uma média de 8,76 horas de aulas (Tabela 2). Neste caso, com a ausência de cursos superiores e a presença de três cursos técnicos em que a presença masculina é marcante no mundo do trabalho pode se inferir que a presença das professoras e as suas cargas horárias de trabalho mais elevadas vão se relacionar com as disciplinas do núcleo básico do ensino médio.

Tabela 24 – Cursos oferecidos no Câmpus Senador Canedo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e suas respectivas modalidades, no ciclo – 2016/1.

Curso	Modalidade
Automação Industrial	Técnico Integrado
Mecânica	Técnico Integrado
Refrigeração e Climatização	EJA

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

A Tabela 25 exibe os dados do Câmpus Uruaçu em que 60% do corpo docente é formado por homens, que, por sua vez, ministram 64% das disciplinas dos cursos técnicos e 57% das disciplinas dos cursos superiores. Os cursos ofertados no câmpus em questão, segundo a Tabela 26 são diversos, sendo que é possível dizer que os cursos de Informática, Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Edificações e Engenharia Civil são cursos em que predominam homens no mundo do trabalho.

Tabela 25 – Número de docentes do Câmpus Uruaçu do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, divididos por gênero e disciplinas lecionadas nos cursos técnicos e/ou superiores, por ciclo – 2016/1.

Homens		Mulheres	
41		27	
Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores	Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores
166	57	93	43
Total de disciplinas: 359			
Total de professores (as) no Câmpus: 68			

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

Tabela 26 – Cursos oferecidos no Câmpus Uruaçu do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e suas respectivas modalidades, no ciclo – 2016/1.

Curso	Modalidade
Informática	Técnico Integrado
Análise e Desenvolvimento de Sistemas	Tecnólogo
Edificações	Técnico Integrado
Engenharia Civil	Bacharelado
Química	Técnico Integrado
Química	Licenciatura
Comércio	EJA

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

O corpo docente do Câmpus Valparaíso possui 21 homens e 9 mulheres, conforme a Tabela 27, o que corresponde a 70% de homens na docência no câmpus. Eles ministram 65% das disciplinas dos cursos técnicos e 91% das disciplinas do curso superior de Licenciatura em Matemática ofertado pelo câmpus.

Tabela 27 – Número de docentes do Câmpus Valparaíso de Goiás do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, divididos por gênero e disciplinas lecionadas nos cursos técnicos e/ou superiores, por ciclo – 2016/1.

Homens		Mulheres	
21		9	
Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores	Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores
87	11	45	1
Total de disciplinas: 144			
Total de professores (as) no Câmpus: 30			

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

A Tabela 28 exibe os cursos ofertados pelo Câmpus Valparaíso. Estes cursos são marcados pela atuação masculina no mundo do trabalho e isso pode explicar também a alta atuação de professores no câmpus, sobretudo no ensino superior na Licenciatura em Matemática.

Tabela 28 – Cursos oferecidos no Câmpus Valparaíso de Goiás do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e suas respectivas modalidades, no ciclo – 2016/1.

Curso	Modalidade
Eletrotécnica	Proeja
Automação Industrial	Técnico Integrado
Mecânica	Técnico Integrado
Matemática	Licenciatura

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

O Câmpus Goiânia é o maior câmpus do IFG, com quatro Departamentos de Áreas Acadêmicas e diversos cursos, conforme a Tabela 30. Pela análise da Tabela 29 tem-se que o

corpo docente é composto por 68% de homens, que respondem por 70% das disciplinas dos cursos técnicos e dos cursos superiores, representando um câmpus masculino do ponto de vista da docência, mesmo diante da diversidade de cursos.

Tabela 29 – Número de docentes do Câmpus Goiânia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, divididos por gênero e disciplinas lecionadas nos cursos técnicos e/ou superiores, por ciclo – 2016/1.

Homens		Mulheres	
241		109	
Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores	Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores
483	488	203	207
Total de disciplinas: 1381			
Total de professores (as) no Câmpus: 350			
40 disciplinas não estão com os professores (as) responsáveis			
* 11 matérias lecionadas por mulheres não tem a especificação se é técnico ou superior/ 19 matérias lecionadas por homens não tem a especificação se é técnico ou superior.			

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

Tabela 30 – Cursos oferecidos no Câmpus Goiânia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e suas respectivas modalidades, no ciclo – 2016/1.

Curso	Modalidade
Instrumento Musical	Integrado
Cozinha	EJA
Música	Licenciatura
História	Licenciatura
Letras	Licenciatura
Turismo	Bacharelado
Políticas e Gestão da Ed. Profissional e Tecnológica	Especialização
Mineração	Integrado
Controle Ambiental	Integrado
Mineração	Subsequente
Matemática	Licenciatura
Física	Licenciatura
Engenharia Ambiental e Sanitária	Bacharelado
Química	Bacharelado
Matemática	Especialização
Tecnologia de Processos Sustentáveis	Mestrado
Edificações	Integrado
Transporte Rodoviário	EJA
Engenharia Civil	Bacharelado
Engenharia de Transporte	Bacharelado

Engenharia Cartográfica e de Agrimensura	Bacharelado
Eletrônica	Integrado
Eletrotécnica	Integrado
Telecomunicações	Integrado
Mecânica	Subsequente
Eletrotécnica	Subsequente
Informática para Internet	EJA
Engenharia Elétrica	Bacharelado
Engenharia de Controle e Automação	Bacharelado
Engenharia Mecânica	Bacharelado
Sistemas de Informação	Bacharelado

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de dados quantitativos abrangeu a distribuição das disciplinas no Instituto Federal de Goiás, restrita aos docentes, abrangendo disciplinas dos níveis de ensino técnico (médio) e superior, sendo sistematizadas por gênero, Câmpus e modalidade de ensino. Em suma, a pesquisa exploratória corrobora a literatura sociológica e historiográfica acerca do processo de lutas e conquistas sociais no Brasil. Por outro lado, os dados referentes aos/as docentes acerca da distribuição de disciplinas revela a manutenção da estrutura patriarcal e machista na organização do trabalho.

Especificamente, a pesquisa identificou que a carga horária das mulheres docentes é menor do que a atribuída aos homens, todavia, a distribuição das disciplinas por nível de ensino dá uma conotação hierárquica a essa proporcionalidade. Repete-se o dado nacional de que quanto mais inicial o nível de ensino, maior a quantidade de mulheres e de quanto mais especializado e científico o nível de ensino, maior a quantidade de homens na docência.

No caso do IFG como um todo essa diferença vai atuar da seguinte forma: mais professoras nas disciplinas básicas do ensino técnico (médio) e mais professores nas disciplinas técnicas/específicas do ensino técnico (médio) e no ensino superior.

Por fim, salienta-se que a carreira docente no IFG contempla atuação em ensino, pesquisa e extensão e que por tratar-se de ambiente acadêmico apresenta aspectos que remontam à relação histórica entre ciência e gênero, que terá rebatimento direto nas discussões e dados apresentados neste artigo.

A identificação dessa realidade reafirma a necessidade de repensar a rotina institucional e acadêmica focando nas estratégias coletivas de equidade de gênero e valorização das mulheres na ciência, sobretudo em um ambiente educacional.

Nesse sentido, o levantamento bibliográfico que contemplou pesquisas de Guimarães (2016), Alves (2016), Bruschini & Lombardi (2003), Relatórios recentes da ONU Mujeres (2015), Lowy (2009), Mathieu (2009), Saffioti (2013), Scott (1995), Hirata (2014) entre outras, nos remete ao debate feminista sobre o sistema do patriarcado no Brasil, visto que um olhar isolado dos números escamoteia uma realidade pouco equitativa de gênero em meio às transformações socioeconômicas e culturais que são divulgadas de forma hegemônica para toda a humanidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Eustáquio Diniz. Desafios da equidade de gênero no século XXI. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2016, vol.24, n.2, pp.629-638. ISSN 0104-026X. <http://dx.doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n2p629>.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico**, 2010. Disponível em: <www.ibge.gov.br>

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. Capítulo Suplementar – Mulheres e homens no mercado de trabalho brasileiro: um retrato dos anos 1990. *In*: MARUANI, M.; Hirata, H. (orgs.) **As Novas fronteiras da desigualdade**: homens e mulheres no mercado de trabalho. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003. p. 323-361.

CAETANO, Daisy Luzia do Nascimento Silva - **Trabalho docente de mulheres em Goiânia-GO**. Dissertação - Programa de Pós-graduação em Geografia (RC) - Universidade Federal de Goiás - Catalão - Goiás – Brasil, 2014.

CHAMON, Magda. **Trajetória de Feminização do Magistério**. Ambiguidades e conflitos. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

GUIMARAES, Nadya Araujo. A Igualdade Substantiva e os Novos Desafios nas Relações de Gênero no Trabalho. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2016, vol.24, n.2, pp.639-643. ISSN 0104-026X. <http://dx.doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n2p639>.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo social**, São Paulo, v. 26, n. 1, 2014

LOWY, H. **Ciências e gênero**. - In: HIRATA, Helena et al. (orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. P. 40-44.

MATHIEU, Nicole-Claude. **Sexo e gênero**. In: HIRATA, Helena et al. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. As relações sociais de gênero no trabalho e na reprodução. **Aurora**, Marília – SP, ano 4, vol.6, 59-62, agosto de 2010.

ONU MULHERES. **Ficha Informativa**: América Latina y el Caribe. 2015. UN WOMEN. Disponível em: <<http://www2.unwomen.org/~media/headquarters/attachments/sections/library/publications/2015/poww-2015-factsheet-latinamericacaribbean-es.pdf?v=1&d=20151023T211541>> Acesso em: 17 ago. 2016

SAFFIOTI, Heleieth. **A Mulher na Sociedade de Classes**: Mito e Realidade. Ed. Expressão Popular. São Paulo, 2013.

SANTOS, Elza Ferreira. **Mulheres entre o lar e a escola**: os porquês do magistério. São Paulo: Editora Annablume, 2009.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, vol. 20, nº 2, 1995, p. 71-99.

Observatório do Mundo do Trabalho



Ministério da
Educação



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
GOIÁS